

QUINTA-FEIRA
Lisboa--13 de Dezembro--1928

fixo

ença

.x. mo Sr.

Alvarenga

ito Capelo

TOES

3.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

sempre

134

fixo semanário humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. T. 152, 153, 154
RUA DA ROSA, 57



Magalhães Lima, que levou uma vida inteira a servir a Republica, morreu servindo-a, porque até o seu testamento é um notavel documento de fé e de amor á Republica.
O seu funeral foi, simultaneamente, um preito de saudade e uma apoteose ás ideias que sempre defendeu. Quando um homem que morre tem um tão grande prestigio, que arrasta até á sua ultima morada tantos milhares de pessoas, é que as suas doutrinas tecem fundas raizes no coração do povo. Dall já nada havia a esperar. Só muito excepcionalmente se aclamam mortos como se tecem louvores a vivos e a sois que nascem.



Os ditos da semana



Aviadora Já temos uma aviadora! Temo-la e ao que parece, bem galante e bem habilidosa, o que se pode chamar uma aviadora toda tirada das azas, para não dizer das canelas o que seria desprimoroso para uma senhora e para uma aviadora.

O *Sempre Fixe* apresente as suas homenagens e faz votos para que os comandos se mantenham sempre fixes nas suas mãos patricias.

Que vóe, que suba, que rodopie, que faça acrobatismos, *looping the loop*, etc., que nós cá estaremos sempre fixes para a admirar e aplaudir. Eguais votos fazemos para que, quando descer cá baixo, ao campo de *atterissage* do Chiado, saiba livrar-se dos pés de alferes com a mesma habilidade como lá em cima se livra dos pés de vento. Sim, porque no Chiado, os ventos dominantes são os do coração e o casamento é um poço, donde não se pode sair, nem de avião, sem uma volta pela Boa-Hora.

Se Deus quizer... O portuguezinho valente não tem confiança em si. O portuguezinho valente, sempre que pôde, alija os trabalhos para cima dos outros. Ter alguém a quem se encostar é o ideal supremo do portuguezinho valente. Ha-os de tal força que se encostam aos antepassados e todos nós nos encostamos á historia. Vasco da Gama que foi á India, é um encosto de primeira ordem para aqueles que não são capazes de ir a Cacilhas.

A maior parte da gente encosta-se ao Estado para tudo e por tudo. Do Estado se espera tudo—uma linha de caminho de ferro e a protecção a uma industria pela qual não se faz o mais pequeno esforço, um palacio para habitar e a botija de agua quente na cama para aquecer os pés.

Ha ditos frequentes que demonstram flagrantemente a nossa asserção.

Um senhorio:

—O meu predio está prestes a desabar. O inquilino que o mande reparar se não quiere ficar sepultado nos escombros.

Um inquilino:

—A minha retrete cheira mal, mas o senhorio que lhe mande deitar agua se não quiere a casa impastada.

Na paragem do electrico:

—«Estrela». Serve-me aquele. Mas não o mando parar.

Alguem mais se encarregará disso.

Um consumidor:

—Arroz a 3\$600? Pouca vergonha. Isto precisava de um protesto tezo, Ha-de aparecer quem o faça.

Um altacinha:

—A minha rua não tem nem um candieiro. Quando será que alguem cá do predio se lembra de fazer uma reclamação á Camara.

E é por causa deste feito de alijar tudo para cima dos outros que Portugal é um paiz tão religioso. Quando a gente se não quiere massar, atira com as responsabilidades para casa de Deus e assim se inventou o dito:

—«Se Deus quizer».

—Doe-me um dente.

—Oh! filho, vae ao dentista.

—Ná. Isto ha-de passar, se Deus quizer.

E se Deus não quizer, continua o paciente a vêr estrelas e a fazer caretas toda a vida.

Pode ser que o leitor não concorde com estas teorias. Pode ser. Mas espero que ha-de concordar, se Deus quizer.

Bilivacina Acham-se em plena laboração as Companhias Reunidas das Aguas e Bilivacina.

Lagrimas sentidas



A Republica Portuguesa chora os mortos da Aviação Brasileira

A das Aguas distribue o tifo aos domicilios; a da Bilivacina distribue a saude a troco de doze escudos. Esta, ao contrario da Companhia das Aguas, não vac a casa de cada um, sorrateiramente, por dentro das paredes, levar a saude, como a outra leva a morte, mas vae a gente bebelo ao Instituto Pasteur, emquanto não é estabelecida a respectiva canalisação, o que não é nada deprimente para o consumidor, que tambem vae a Vidago e ás Pedras Salgadas e não se põe á espera que o Vidago ou as Pedras se venham instalar, sob a forma de garrafão de cinco litros, num cantinho da dispensa. Agora já pode a gente fazer negaças á morte e ao sr. Carlos Pereira. Bebe-se um copo de agua do contador de cara alegre, com a certeza inabalavel de que o microbio assim que chega ao intestino desata a escapulir-se por todos os cantos á procura de saída por onde se raspe da furia destruidora da Bilivacina.

Mas é então infalivel o remedio?

Não é inteiramente infalivel como o papa, apesar de ser uma coisa que a gente papa tambem.

Em 2.000 casos falha um. Falha mas não é por culpa da Bilivacina. É por culpa do consumidor que não teve o cuidado de montar uma iluminação a jorros, como a da Avenida, no intestino grosso. E assim acontece que, algumas vezes, na escuridão do ventre de cada um, assim como a Bilivacina não dá com o microbio, o microbio tambem não dá com a saída.

Imunes, absolutamente imunes só estão os guardas-nocturnos, que são os unicos entes que têm iluminação na barriga.

Novos Fixes Um grupo de rapazes de Campolide resolveu fundar um Grupo Gastronomico Excursionista Dansarino com o nome de «Os Fixes» e pedenos auctorisação para uzar o nosso ardina como distintivo. Agradecendo a homenagem, gostosamente lhe damos o nosso *agrement*, com a condição de que, depois das excursões e principalmente depois das jantaradas, ha-de manter com galhardia o nome de Fixes que adotaram.

FUMEE SUNRIPE

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

HENRIQUE SANT'ANA

A GRAFONOLA...
 É uma das causas do abandono que o publico votou ao teatro!
 O publico que frequenta as casas de espectaculos não se sente bem!... Os *fauteuils* são acanhados... a fila da frente bate nos joelhos... uma massada! Não ha tapetes, não ha *chauffage!* Gela-se!

A grafonola...
 Quem ha hoje que a não tenha? Os discos são baratos... os aparelhos também! Não é muito melhor ouvir o Caruso, o Tilo Schipa, a Adelina Fernandes e as grandes orquestras... numa sala confortavel, com um fogãozinho, de petroleo que seja, do que apanhar frio na rua... constipar-se no teatro... correr para o electrico... assistir a uma peça — por vezes má e mal interpretada? Diga-se com sinceridade que é assim mesmo.

A grafonola...
 Foi ela que prejudicou o teatro. Quantas grafonolas se tem vendido em Lisboa ha dois anos a esta parte? Centenas e centenas... Firam centenas e centenas de pessoas que deixaram de ir ao teatro!

Depois, uma familia que se desloca uma noite de casa para ir ao teatro gastou, em média, 100\$00! Bem entendido que falo no camarote e no taxi... não contando com o cházinho ou mesmo com a cela...

Guerra á grafonola!
 Guerra ao empresario que não cuida do bem-estar do publico!

■ ■ ■
HAVEMOS de convir que nos nossos teatros falta a disciplina... o método... a organização!

Um exemplo:
 Num dos teatros de Lisboa está em scena, ha quasi três meses, uma peça. Julgam, acaso, que durante estes longos 90 dias já se ensaiou alguma outra? Nada disso... Ninguém pensou em tal... Porquê? Ha um motivo? Estamos certos de que não...

A'manhã — quem dera que fosse daqui a um ano — a peça, de repente, começa a fraquejar... o publico a afastar-se... A peça está cançada... e o que se faz? A' pressa arranja-se uma outra farça... ensaios a correr, marca-se o dia da *première*, os scenarios não estão prontos... e o resto já se sabe...

De quem é a culpa? Falta de orientação... Não ha hoje no teatro português um dirigente artistico que mereça esse nome... Porque não os ha? Porque não se querem ralar... porque o nosso actor é hoje tudo... artista... ensaiador... empresario... tradutor... secretario da empresa... reclamista...

Um homem só, pode com tanto afa-



Artista que colaborou na «Terra de Cantigas» com garganta e mãos... de prata!

zer? Não pode... e tem de falhar — fatalmente!

■ ■ ■
ENSAIA-SE no T. A. a opereta «Bairro Alto», que fez carreira no defunto T. S. L.
 Onde foi parar o «Bairro Alto»! A' «Mouraria»!... Os dois bairros andam a namorar-se!... Mas chegarão a casar? E' conveniente ir pensando no divorcio!

■ ■ ■
A CAMBALHOTA no teatro é hoje a *mascotte* dos empresarios...
 Numa peça que está em ensaios num dos teatros de comedia, logo no primeiro acto — dizem-nos — ha um artista que tem de dar três cambalhotas!

Se com uma — as peças dão cem representações... com três... vão ao ano de cartaz!

Os teatros, dentro em pouco, estão transformados em circos e os artistas em palhaços! Ao que se chegou!

■ ■ ■
O NOVO original de R. C. intitula-se «O sapo e a doninha». Já se diz nos meios teatraes que são os dois! O sapo... não tem nada de sapo... Agora de doninha já não dizemos a mesma coisa!

■ ■ ■
 O E. B. fala muito... mas ás vezes tem razão! Não é tolo! E' mesmo, dos nossos artistas-empresarios, um dos que é bom empresario...

E. B. deu uma entrevista a um jornal. Botou fala sobre a crise do teatro.

Disse o E.:
 «No teatro sente-se a mesma crise geral da vida portuguesa. É uma crise economica. Aqui, sim, aqui está a apavorante crise para os artistas. Façam todos para a vida do teatro as contas que fazem para os restantes habitos da vida. A desvalorização da moeda, tendo que acompanhar as coisas e o tempo... esqueceu-se dos camarotes, dos *fauteuils*, enfim, dos bilhetes de teatro. Portugal, se tem o teatro mais barato do mundo, como pode exigir organizações teatraes perfeitas, companhias valiosas no conjunto?»

— Bonitas palavras — diria o «João Franco» da Brasileira, se lêsse a entrevista...

■ ■ ■
HA coristas no T. V. que se vestem, ou por outra, que se despem, trinta e duas vezes por noite!... Trinta e duas vezes!... Ha quem diga que ha noites em que chega este numero á idade de Cristo... A vez a mais... é fóra do camarim...

■ ■ ■
A PEÇA em scena do T. da T. mete charanga da G. N. R. e mete cantochão!... A's vezes o coro, entre baidores, é acompanhado por jovens amigos da empresa que gostam de andar pelos corredores e pelas escadas a ajudar á missa...

■ ■ ■
OS CRITICOS dos jornais fazem-se, agora, substituir com muita frequência!... Os efectivos afastam-se momentaneamente...

Porque será? Ha até substitutos que levam para as *premières* as peças, para ver se estão bem traduzidas!... E' o que se chama ter bons mestres!... É engraçada a coincidência!...
 Os substitutos dos criticos dos três primeiros jornais são todos rapazes com cursos superiores... e tirados ha pouco tempo. Ora vejam:
 No *Seculo* — um medico!
 No *Noticias* — um engenheiro!
 No *Diario de Lisboa* — um advogado!
 Se os substitutos tem estes cursos, que cursos terão os efectivos?
 Artistas e empresarios: — acautelaivos!

O Homem das 5 horas



O director: — Apresento-lhe o nosso galã que vai representar consigo «O enigma do amor».

Ela: — Parece-me que já o conheço. Já representou comigo?
 Ele: — Não minha senhora. Eu fui o seu primeiro marido.



O trinchante roubado

De braços sobre a secretária, o prior da Oliveirosa acabava de escrever os convites para o jantar que no dia seguinte oferecia em honra do bispo, e, voltando-se para a Ana, sua criada e, segundo as más-línguas, sua amante, disse:

— Has de mandar ainda hoje este convite ao abade de Vila Nova, para o jantar de amanhã, que dos outros convites encarrego-me eu.

— O senhor não devia convidar o abade porque cada vez que ele cá vem desaparecem coisas...

— Isso é qualquer outra pessoa que as rouba — disse o prior — mas o abade não...

Com grande pompa se realizou o jantar, com a assistência das mais categorizadas autoridades eclesias'icas e civis, não faltando o abade, em honra de tão preclaro ornamento da Igreja, mas, quando se pretendia partir um perú, deu-se por falta do trinchante, que era de prata. Houve então um olhar inteligente da Ana para o prior, que disfarçou o melhor que pôde a impressão que ele lhe tinha causado. E o jantar continuou na maior harmonia. Mas, quando todos os convidados já tinham saído, a Ana foi ter com o prior, que estava a ler o seu breviário, e soltou:

— Agora diga-me se o abade é ladrão ou não?

— O' mulher — disse o prior — talvez fôsse outra pessoa que roubasse o trinchante, mas, se foi o abade, fê-lo com certeza por brincadeira e amanhã o manda...

Passaram-se três dias e, como não houvesse novas nem mandados, o prior da Oliveirosa escreveu a seguinte carta ao abade:

«Eu não quero dizer que você roubasse o trinchante, mas o que é facto é que ele desapareceu no dia em que você cá esteve a jantar, e a Ana tem a mania que você leva as coisas. E como imagino que fôsse uma brincadeira sua, cá espero o trinchante.»

A esta carta respondeu o abade o seguinte:

«Eu não quero dizer que você seja amante da criada, mas o que é facto é que eu escondi o trinchante na sua cama; e se você o não encontrou é porque lá não tem dormido.»

E quando o prior de Oliveirosa foi em procura do trinchante, encontrou talheres, argolas, etc., tudo metido na cama...



— Aquele malcreado disse que tinha de beijar-me...

— Não lrigues importância! Estava a delirar, com toda a certeza...

Agente do *Sempre Fize* em Praia-Cabo Verde — Luciano Julio Rosa — Imprensa Nacional.

Sortes grandest
só o **PINA** se vende
75 — Rua de S. Paulo — 77

FUME SUNRIPE

FILHO DE PEIXE...

De Tomás Ribeiro Colaço recebemos a seguinte carta:

«Lisboa, 1 de Novembro de 1928. — Meu presado amigo: — Tenha paciência, cinco-reisinhos de atenção... Gostava de poder assinar esta carta como «leitor constante» ou coisa parecida. Mas aí! O jornal dos trabalhadores (não confundir com a *Voz do Operário*) esgota por completo a minha bolsa... agrícola, e as minhas cartas são a única coisa de que ouse ser assinante. Sempre que posso, porém, rompo no excesso de comprar o *Sempre Fize*; no combato, é quasi infalível. Excesso de velocidade... E teem em mim, sem lisonja, um admirador. Desde a sua prosa, de tão fino matiz, que só o Pedro sabe bordá-lo, á do *Ivinho* (*U vinho c'est mon forte*, dizia a Berthe Baron), passando por Valença, — bem digno de ser cantado pela Mistinguette, — pelo Amarelhe — se não fôsse o Amarelhe que seria do bom-gosto, diz o ditado — pelo João Fernandes, mais conhecido por Prestes João, dada a presteza admirável das suas gazetilhas (só é pena que também faça algumas gazetas...), pelo *Se tu arte* queeres ver olha para mim, enfim, por todos os colaboradores desse jornal, em que também o Alvaro de Andrade caminha, presto justa homenagem á verve, ao espirito, á mordacidade com que aí se morde a cidade toda e os filhos adjacentes — sem fazer sangue. Um jornal chelo de graça por cinco tostões, — que milagre!

Ora ontem, vindo eu do distrito de Viseu, comprei-o sófregamente em Santa Comba.

Aí por alturas do Luzo, quando a maquina estava a tomar agua, dei com a referencia *Filho de peixe, neto de peixe* e... esfreguei os olhos. Nele se diz que um neto de Tomás Ribeiro mandou colaboração ao jornal, inquirindo simultaneamente da remuneração que pela mesma podia esperar...

Tomás Ribeiro, que ele e, portanto, eu soubessemos, teve três filhos. Só um desses três filhos lhe deu netos, que são também três; e como desses três netos dois são netas, eu julgava-me o seu unico neto. Acrescendo que, *filho de peixe, neto de peixe* envolve uma ideia de continuidade, literaria neste caso, que só a mim, supunha eu, podia dizer respeito. A minha

primeira impressão foi, portanto: — Fui eu que escrevi essa carta.

Ora aqui é que começa o misterio... Porque su, Sr. Director, — escrevo hoje pela primeira vez ao *Sempre Fize*. Terá sido vítima de sonambulismo?... Perguntei-o aos meus botões, e, fóra um que não estava em casa, todos me disseram que não. Tenho dormido a sono solto, é certo, mas apesar de solto não saí da cama... Além disso — como o *Sempre Fize* logo presentiu — a historia da remuneração nem em sonhos me ocorreria. Sei, por uma experiencia que vai na terceira geração, que a fortuna ganha pela poesia é — nada, pela prosa — nada, pelo jornalismo — nada, enfim, um verdadeiro concurso de natação. E é por causa desta que o velho estribilho dos *filhos de peixe* tem, para casos como o meu, uma invulgar força expressiva...

Houve, pois, um escritor, filho de um poeta ou de uma poetisa que desconheço, e aquele ou esta filho ou filha de Tomás Ribeiro, — que também o desconhecia... — que escreveu a carta aí recebida, lançando ao mar das letras humoristicas o bote da sua esperança e esperando que a remuneração vá no dito — no dito da semana...

Acho muito bem. Todos os dias vemos Pereiras a apregoarem que descendem do Condestabre, Gamas a usarem o braço de D. Vasco, etc. Porque não pode haver casos identicos nos pergaminhos literarios?

A unica coisa que lhes peço é que, para evitar confusões, para que se saiba que não fui eu que ofereci essa colaboração e que perguntei por essa remuneração, dê a esta carta um canto, ou uma fatia, do seu jornal. Olhe. Publique-a á sombra da tal lei, para não se crear... E não me mande, pelo espaço que lhe roubei, — para os Pequenos Delitos.

Disponha sempre do

Tomás Ribeiro Colaço.B

Depois de composta esta carta recebemos duas cartas e certidões do sr. Tomás Ribeiro de Melo, pai da pessoa a quem esta se refere.

No proximo numero falaremos do caso.

PLENO INVERNO



Riso amarelo DO SECULO XIX

O romancista Fernandez y Gonzalez fez as delicias do seculo XIX com as suas novelas fantasticas, que até Portugal chegaram em fasciculos de tanta venda como os de Perez Escrich.

Era extraordinaria a sua inventiva e a literatura produziu-lhe mais dum milhão de pesetas, apesar de morrer na miseria, dado o seu gosto pelo luxo faustoso.

Fecundo, gastador e fanfarrão, escreveu mais de cem novelas, dictando três e quatro ao mesmo tempo aos seus secretarios, entre os quais figurou Blasco Ibañez.

Na sua epoca de prosperidade, possuía uma excelente carruagem, em cuja portinhola mandou gravar as suas iniciais: M. F. G.

— São as tuas iniciais? — perguntou-lhe um amigo.

— E' o meu lema — replicou num momento de sinceridade — Mentiras fabrico grandiosas.

— Qual é maior como novelista, Cervantes ou tu? — perguntou-lhe um amigo.

Resposta de Fernandez y Gonzalez:

— Dir-te-hei...

— Sou Cervantes, Schiller e Shakespeare! — disse num grupo de amigos.

E acrescentou:

— Mas sou muito modesto...

Soltaram os amigos uma gargalhada. E Fernandez y Gonzalez concluiu: — Se não fôsse tão modesto, estaria aqui com vocês?

E morreu, fez esta semana quarenta anos, dizendo a um escritor que o visitava:

— Isto acabou-se, e vai ver como morre um homem!

Mascara dos Dentes d'Ouro



— Deseja então casar com minha filha? E tem fortuna para sustentar uma familia?

— De quantas pessoas se compõe a familia além de V. Ex.ª?



Fique sabendo seu burro que TODDY fertiliza, revigora e rejuvenesce. Uma chavena de TODDY é uma refeição completa. Equivale a 6 ovos.

BOM HUMOR

Ela: — Se alguma vez quizeres abraçar-me, é favor dizer-me antes!
Ele: — Minha querida mulhersinha! Porque não disseste isso há mais tempo...

Em scena:
O grande actor, declamando: — Esta carta destroi toda a minha vida!
O estrepante, ingenuamente: — Desculpe, meu illustre colega. Foi o ponto que me pediu para lh'a entregar...

Scena de arrombamento:
O ladrão, desculpendo-se: — Perdão! Enganei-me na casa.
O inquilino: — Passe, amigo! Aqui viço eu, que sou agente da policia...

A mãe: — Como é isto! Então o menino está a chorar e você lê tranquilamente!
A ama: — Não faz mal, minha senhora. Já estou acostumada...

O juiz: — Espero que seja a ultima vez que o vejo no tribunal.
O réu: — O senhor juiz vai pedir a reforma?

Ela: — Disse-me o sapateiro que não ha coisa mais pequena que o meu pé.
Ele: — Deve haver certamente. Exemplo: o teu pé...

Num jantar:
O convidado: — Ha muito tempo que não como coisas tão boas.
O menino da casa: — Nem nós!

Num salão:
 — Quer que o apresente a esta senhora?
 — Não se incomode. E' minha mulher!

Anekdota infantil:
 — Porque deste um estalo no Antonio?
 — Porque tem menos força do que eu...

Na rua:
Ela: — Aqueles chapéus de senhora são muito pequenos!
Ele: — Então compra-me dois...

As capas do "Sempre Fixe"

Encontram-se á venda, na nossa administração, as capas do "Sempre Fixe" primorosamente ilustradas por Francisco Valença.

Só a capa 10\$00.
 Capa e encadernação 15\$00.

Coleção completa de um ano, devidamente encadernada, 40\$00.

Podem, pois, ser requisitados os dois primeiros anos.

Para a provincia cresce o porte do correlo.

Como se aprende francez

Como ficou do conhecimento dos meus meninos, o feminino em francês é um pouco diferente, na sua formação, da maneira portugueza. Assim, já se sabe que o feminino de *chifé* é *zi-na* (*ziéna*), mas convém agora citar outros exemplos, para que os meninos, quando este curso acabar, fiquem sabendo muito menos francês do que quando ele começou.

Galo em francês é *coke*, tal qual o carvão; o feminino deveria ser *co-kette*, mas os franceses chamam a galinha *pule* — porque ella sobe ás vezes para o poleiro, e a *coquette*, que é quem pula sempre, chamam-lhe *então pule*.

Nunca em francês se diz um vestido. Diz-se sempre *une robe*, porque o vestido é da mulher, embora sejam nós quem o paga.

Os franceses não gostam de chamar bêbedo a ninguém. Chamam-lhe *ivre* a, certas vezes, *fu*, que é o vocábulo que mais se aproxima do nosso *grasso*, embora *grasso* em francês signifique gordo.

O *e-u*, em francês, vale *u*. E o *cou* francês é peçoço em portuguez — não se veja embora a razão de eles põrem o *cou* onde nós assentamos a cabeça.

A' «galheta» (estalada) chama-se *claque* e á *gallette*, que deveria ser a verdadeira «galheta», chamam os franceses a «massa», a «teca».

Dar, é *doné*; papel, *papité*; toilette, *toilété* — porque os franceses nos tem roubado inumeros vocabulos.

A' «noite» chamam os franceses *sudr* no verão e *nonsuaré* no inverno.

A' Maria chamam *Marie*, não se sabe a razão porquê, quando é certo que ao marido chamam *marí*.

Algumas frases:
 Maria, dá-me o papel — *Marie doné á ge le papité*.

Dê-nos a galinha — *Doné á maí la pule*.

Tu vês bem? — *T'ás tá bít!*

A mulher e o homem são animais — *La fême e l'omé som des animá.*

Tens o lapis? — *Há tu le crêcom?*

Tu gostas? — *Tu m-m-m-m?*

Tu não gostas — *Tu nom m-m-m-m.*

Maria é bonita — *Marie é chón.*

Maria, dá-me o chapéu, que vai chover — *Marie, donéme á ge le apara piú kíl vá plouodr.*

Sim, senhor — *Ui, mástid.*

Sim, senhora — *Ui, másdame.*

Eu não sou quem você pensa — *Ge ne sui qui mal e pence.*

Que horas são? — *Kel óre é tú?*

Antonio não é bom, mas a Maria é bem pior — *Antudne nom é bon, má Marie é bít pióre.* (Isto, como yeem, é quasi como em portuguez).

Eu vou-me embora — *Ge me páre.* (Isto, quando se fica parado a despedir-se, porque quando a gente se retira de verdade, diz-se: *Ge me vé embóre*).

Aprendamos a contar até vinte:

Um, *anh!*; dois, *dá*; três, *trud*; quatro, *cdre*; cinco, *çaque*; seis, *çique-se*; sete, *séte*; oito, *wyte*; nove, *ndfe*; dez, *dize*; onze, *onze*; doze, *Duse* (em homenagem á grande italiana); treze, *tréze*; quatorze, *catórcé*; quinze, *çá-xe*; dezesseis, *çéze*; dezeseite, *diz séte*; dezoito, *diz wyte*; dezenove, *diz nófe*; vinte, *vá*.

Os franceses tem, como se verificou já, palavras que se assemelham duma maneira escandalosa ás nossas.

Assim, dizem *pá* (pão); *má* (mão); *livre* (livro); *confusom* (confusão); *soldá* (soldado); *revoluciom* (revolução); *café* (café).

Em contrapartida, chamam *té* a uma coisa que a gente está mesmo a ver que é chá...

Dr. Grandunças.

O FADO



Elevador da Gloria

Num *restaurant* afamado e careiro, um freguês pediu linguado. Desconfiado com o cheiro que o peixe exalava, retirou-o para o lado, resmungando.

O dono da casa dirigiu-se ao freguês, perguntando-lhe:

— O senhor está falando com o peixe?

— Estou, sim, senhor!

— E ele entende?

— Perfeitamente!

— O que lhe está dizendo o senhor?

— Estou pedindo noticias do meu primo José, que é escafandro em Sezimbra.

— Então o peixe?

— Respondeu-me que não me podia dizer nada porque veio de Sezimbra ha muito tempo...

— Qual é o dote que dá á sua filha quando se casar com o meu Mario?

— Um conto de réis por cada ano que ella tem.

— Que idade?

— Dezaseis anos.

— Não serve... é muito creança.

Paulino Antunes, professor de hígrometria — disciplina que não existe nos liceus — explicava com superioridade aos seus alunos:

— E' principio comensinho da fisica que o calor dilata os corpos e o frio contra-os.

Um aluno:

— Podia exemplificar, sr. professor. Não entendo bem...

— Eis um exemplo: quando faz calor, os dias são mais longos e quando faz frio são mais curtos...

Um pai rico, indignado com o filho que vive a fazer dividas, dá-lhe uma formidável descompostura, terminando por lhe perguntar:

— Pode-se saber porque fazes sempre contas novas?

E o filho, clinicamente:

— Desculpe, meu pai, mas como poderia fazer contas velhas?

Um boémio, com o rosto inchado, torturado por uma horrivel dor de dentes, é abordado por um amigo:

— O que tens?

— Uma dor de dentes infernal!

— Vou ensinar-te um meio infalivel para isso passar. E' o que adpito quando sou atacado por dores de dentes. Não falha!

— Qual é?

— Deito-me encostando o rosto no peito de minha mulher. O calor do corpo faz desaparecer rapidamente a dor.

O boémio, entre gemidos:

— Onde está tua mulher?...



— E' uma pena aquete rapaz gaguejar tanto...

— Gagueja sempre?

— Não; só quando fala.

O fascismo vermelho ou as meninas da boina encarnada

A provincia vascongada
Faz andar a testa á roda
A's damas da Lisboa amada,
Onde a moda, a grande moda,
E' usar boina encarnada,

E' vê-las, todas fadistas,
Com a boina rodopiando,
Todas armando em artistas,
Como se fosse marchando
Um batalhão de carlistas.

Valem por chapéus baratos
E adornam uma pessoa
Sem grandes espalhafatos,
As meninas de Lisboa
Parecem uns deita-gatos.

Andam sempre aos dois o dois
Os tais górrros e as maçoilas
Marcham lestras e, depois,
Simulam vivas papoilas
Num campo de herva p'ra bois.

Caboclinhas doidivanas,
Cabelos negros, doirados,
Caras de lindas Dianas...
Os barretes encarnados
Fazem-nas republicanas.

Bonitas, esculturais,
Gordinhas como um texugo,
Com essas boinas ideais,
São bonecos de sabugo
Com testas de cardeais.

Saltam nos chapéus sem abas
Aqueles róstos bonitos
Por quem tu, leitor, te babas,
E parecem periquitos,
Cenouras ou belerrabas.

Vaidosas, com seus assomos
De viventes manequins,
São constantes os seus momos
E das mesmo uns arlequins,
Uns demonicos, uns gnoias.

Ao vêr as suas tenções
E o seu alto modernismo,
Já dizem os solteirões:
— Aquilo é puro fascismo
Contra os nosso corações!

E eu, metendo o meu bedelho,
Direi que por taboleta
— Sei muito porque sou velho —
Eu vez de camisa preta,
Trazem barrete vermelho.

A'erta, pois, rapaziada,
Que palmilhais essa lamas
Destá nossa Lisboa amada
Contra o fascismo das damas
Que trazem boina encarnada!



— Não. Estes sapatos Luis XV estão pequenos. Traga-me uns Luis XVI.



— Sabes que quando me aborreço não sei que hei-de fazer!
— Oh filha; então estás aborrecida todo o dia.

O diagnostico do alveitar

Naquella casa d'aldeia ia um enorme reboliço!

A porca grande — a preta — tinha acabado de dar á luz uma ninhada de 12 porquinhos, rosados e gordos, que já ha muito tempo eram esperados pelo sr. Joaquim e sua senhora, proprietarios da dita porca, que juntamente com a criada se quedavam extaticos em muda contemplação perante aquele delicioso quadro da familia!

Os baçorinhos estavam todos «muito bem dispostos» á roda da mão, em flagrante contraste com esta que, amadorrada a um canto, parecia triste, sem querer comer, apesar de ter a pia cheia de succulenta e apetitosa comida.

O sr. Joaquim e a sr.^a Madalena começaram a andar apreensivos, pois se a porca morresse lá iam atrás os doze leitões, e não para a feira, onde, depois de engordados, esperavam vendê-los com bons lucros...

— «Nada! Se continuasse assim, tinha de vir o alveitar» — foi o parecer do sr. Joaquim que, muito preocupado, coçava as orelhas.

.....

Qual não foi porém o espanto da sr.^a Madalena quando, no dia seguinte, viu que a porca nem sequer tinha tocado na comida!

Foi logo chamar o «seu Joaquim» e a Rosa — a criada — para verem o estranho fenomeno!

— «Nada! Isto assim não vai bem! Barco parado não faz viagem! Vai chamar o «l Manóel Ferrador, ó Rosa» — ordenou o bom aldeão, afflictissimo pela attitude da porca.

E assim foi. Passada meia hora, entrava no pateo onde estava a cortelha um garoto sobraçando um enorme livro e, três passos atrás, num andar pausado e grave, o alveitar da terra!

Este homem tinha um grande desgosto na sua vida — não ter o diploma de veterinario, e maior ainda não ser medico! Eram estes os grandes sonhos da sua existencia, mas, como era modesto, já se contentava com o primeiro, se um dia se pudesse transformar numa realidade...

Para suavizar o seu desgosto, qnha-se feito alveitar, mercê dum livro que tinha herdado — o mesmo que o garoto trazia e o acompanhava sempre em todas as visitas e que se intitulava «Das doenças dos animais e maneira de as curar».

Falava sempre duma maneira muito sentenciosa e arrebicada e, quando ia vêr um animal, tomava sempre uns ares de medico ao fazer o diagnostico de uma pessoa doente!

Mas, continuemos a nossa historia...

Apenas entrou, cumprimentou deimoniosamente e perguntou:

— Onde está a «doente»? ..
— Está para ali sem comer, boita-dinha!

E num apice contaram toda a historia da doença do animalsinho.

O alveitar ouviu sem dar palavras e quiz vê-lo... Entrou no chiqueiro, mediu-o d'alto a baixo, viu as suas condições higienicas e, depois de auscultar a porca de todos os lados, saiu calado, com um ar preocupado!

Chamou o ajudante — o garoto do livro — folheou o «in-folio» e, passados alguns momentos de meditação, virou-se para o publico que a essa hora já era numeroso e disse:

— O animal tem uma bronquite cronica! Já a tinha há mais tempo, mas agora agravou-se «ao dar á claridade» as doze vergontas... Mas isso não obsta á conservação dos tecidos e tuberculos das concavidades cavernosas. A «doente», embora fisiologicamente bem constituída, patologicamente falando está mal!

— Está mal? — exclamaram em coro o sr. Joaquim e a sr.^a Madalena, que de todo o arrazoado do «erudito» alveitar tinha sido a unica coisa que tinham percebido!

— Está mal, sim! — confirmá ele, mas eu cá estou para o curar.

E foi-se embora, depois de ter receitado um purgante de sulfato de sodio (3.000 granas), umas ameixas secas, que tem uma acção muito pronunciada sobre os intestinos, e, se o animalsinho tivesse náuseas, lhe dessem uma colher de pau cheia de bicarbonato de soda, devendo tomar em seguida um bom copo de agua!

Passaram-se três dias. A «enfurma» estava ainda em convalescência quando o nosso «doutor» lá a foi visitar, conforme havia prometido!

Interrogou o sr. Joaquim, para saber «que tal se tinha ela dado com o seu recituario»...

— Que muito bem! — respondeu ele. — Que tinha até enchido o curral de excremento com o efeito do purgante e que já la até comendo a sua aboborasita de vez em quando!

— Está bem — retorquiu o alveitar. — Acabo de a vêr novamente e chegou á conclusão...

— ... que o animalsinho estava «entupido» — aventou a Rosa, do lado!

— Não senhora! Ele tinha uma «bronquite cronica». Foi o que eu disse e eu nunca me engano! Pois bem: Da «bronquite» está ele curado, agora da «cronica» é que ainda não!

Mario Augusto



— Olha filho diz aqui no «Diario de Lisboa», que é bom ferver todas as aguas.
— Oh mãezinha ferva lá essa garrafa de agua ardente...

Respeitavel conselho

Por entre campos verdes de folhagem, seguimos — eu, Ela e a mamã.

Um fremito d'aragem,
Início da alma pura da manhã,
trazia ao coração enamorado
uma doce visão de pacifismo,
e eu, crendo-me por ela muito amado,
acalentava sonhos de idealismo.

E como iamos juntos dum pomar,
colhi dum ramo duma laranjeira,
uma nivea flôr p'ra lhe ofertar,
e, em frase terna, ligeira,
enquanto nos seus olhos me enlevava
cantei-lhe a historia quente, perturbante,
que o simbolismo desse flôr encerra;
e olhando o perfil da serra
que o longe róxo' esfumava,
numa timida voz dulcificante
cantei-lhe o grande amor que me inspira.

Porém, a mãe, que junto a nós seguia
e que ouvira entediada a minha historia,
— historia ingenua em sua alegoria —

Chamou-me tólo e babal
e ajuntou rude, estentoria,
em tom d'aspero conselho:
«— Deixe a flôr de laranjeira,
que é tema gasto e já velho,

e cante a graça forte, natural,
onde caiba o prazer do verbo amar
num momento inolvidavel:
Cante a poesia util e infavel
que ha no vigor do nabo salutar.»

De relance

Ao que dizem os jornais
(p'ra salvar as apparencias)
as estações officiais
aconselham providencias

a applicar muito a miude
contra a agua que, tifosa,
anda p'ra aí furiosa
a tratar-nos da saude...
E providencias são essas
que a nossa saude poupa
que as madamas de Caneças,
por questão de economia,
só lavam agora a roupa
com agua da Companhia
que nos arranjou tal trama
que, desde o copo dos dentes
'té ao bacio da cama
— sejam de saos ou doentes —
p'ra lhes garantir a vida,
precisam de ser tratados
com o maior dos cuidados,
botando-lhe agua fervida...

Em certo tasco afamado,
um freguês foi encontrar
o taberneiro sósinho
mas muito preocupado,
a deitar agua no vinho.
— Seu malandro! Então não vê
que periga a nossa vida?!
— Oiga lá! Vocemecê
não vê que é agua fervida!...



— Reparou, como ficou alegre aquela senhora quando eu lhe disse que não parecia mais velha que a filha?
— Não; só reparéi foi na expressão da cara da filha quando você disse isso.

— JIMEI — SUIRTE

As grandes descobertas

Um sujeito das nossas relações, que tem a mania das descobertas, descobriu há dias uma coisa sensacional: — Que a actual vereação municipal tem muita lata!

— Mas porquê? — preguntámos.
— Tem muita lata — insistiu. — Tem mesmo um latão de primeira qualidade.

— Mas como o descobriu? — tornámos, naturalmente interessados.

— Pelos nossos candieiros da Avenida. São todos de latão disfarçado de bronze. O que muita gente não sabe é o alcance desta medida. Quais as vantagens desta inovação.

— Talvez a economia?
— Sim, isso já é uma das razões de mais peso...

— Que justifica a falta de peso dos candieiros.

— É claro; quando se escangalhava não se perde tanto. Tanto mais que naquela arteria, tão frequentada pelas Donas Bernardas, era uma razão a ponderar. Mas ha outras importantes.

Como sabem, os desastres de automóvel são cada vez mais frequentes. B' desta forma os varios automobilistas que tem a mania de embirrar com os candieiros correrão muito menor risco. Os choques serão, por assim dizer, muito mais macios.

Até agora, perante uma destas emergencias, os candieiros de ferro mantinham-se no seu posto. Agora serão eles que se amolgam e não as cabeças dos passageiros. Além disto, teve-se tambem em mira a protecção ás cabeças dos varios etilizados que vão tambem de preferencia, como as borboletas, quebrar de encontro aos suportes da iluminação.

«A Camara não estava bem segura de que o velho dictado «Ao menino não se põe Deus a mão por baixo» seria hoje, por falta de mira, mantido pelas estancias celestiais e vai dai resolveu suprir esta possível falta, adoptando esta medida de precaução.»

Mais vale prevenir que remediar. Acresce que por aquela razão já citada da frequencia de revoluções nestas paragens, além do menor dispendio pelas consecutivas substituições de candieiros furados, os novos darão nesses momentos um efeito surpreendente.

O chuveiro de metralha de varios calibres de encontro á lata dos candieiros dará um optimo e modernissimo jazz-band. Será a ultima palavra do progresso: as revoluções-concerto.

— Se bem que fique tudo desconcertado.

— Mas, como sabem, estamos na época dos paradoxos. E depois devemos concordar que, perante a frequencia destes acontecimentos anormais, as constantes substituições dos carissimos candieiros de ferro fundido deixavam tambem completamente fundido o erario municipal.

SEMPRE FIXE vende-se na Povoação de Varzim, na Livraria Academica Editora.

— Espere uma faca no bolo e se sair limpa é porque o bolo está pronto.

— Se sair limpa, acho que o melhor era espetar-lhe as facas todas.

— Mas o chafe da trempe fulmina-o: — Cale-se! Não esteja a acelerar a multa!

— Nós, as mulheres, temos vantagens sobre os homens, não temos medo dos pontapés baixos..

— Quando pensa a tua filha em casar?

— Constantemente.

— Mas o chafe da trempe fulmina-o: — Cale-se! Não esteja a acelerar a multa!

— Quando pensa a tua filha em casar?

— Constantemente.

— Mas o chafe da trempe fulmina-o: — Cale-se! Não esteja a acelerar a multa!

— Quando pensa a tua filha em casar?

— Constantemente.

— Mas o chafe da trempe fulmina-o: — Cale-se! Não esteja a acelerar a multa!

— Quando pensa a tua filha em casar?

— Constantemente.

— Mas o chafe da trempe fulmina-o: — Cale-se! Não esteja a acelerar a multa!

— Quando pensa a tua filha em casar?

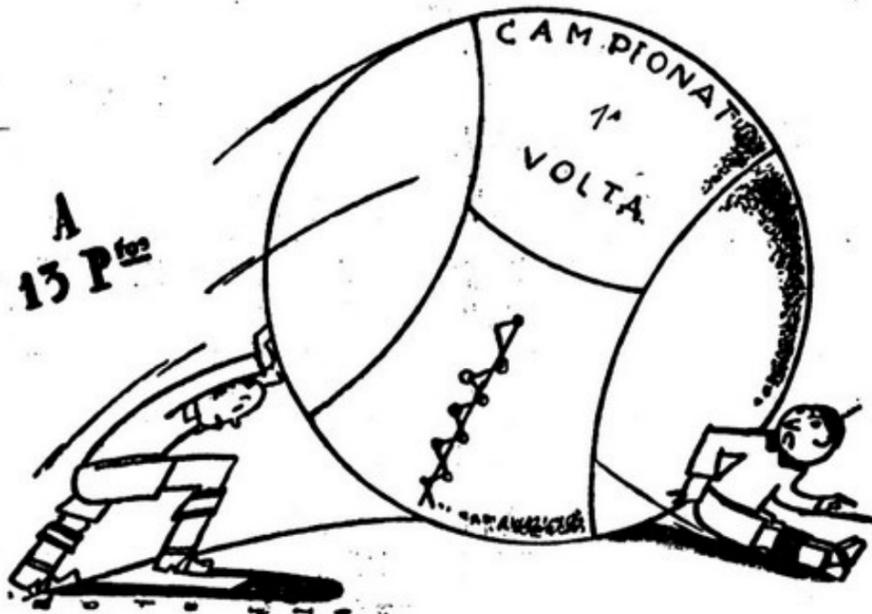
— Constantemente.

— Mas o chafe da trempe fulmina-o: — Cale-se! Não esteja a acelerar a multa!

— Quando pensa a tua filha em casar?

— Constantemente.

E assim vai subindo



— Mais uma vez se prova que... o União faz a força.

Superioridade



— Nós, as mulheres, temos vantagens sobre os homens, não temos medo dos pontapés baixos..

Fiscalização do transito

ou como se multam automobilistas

Ao prodigioso aumento de amadores do automobilismo parece ter correspondido, em Lisboa, um aumento muito mais prodigioso de agentes de fiscalização.

E tudo leva a crer que o seu recrutamento é feito á chegada do comboio da Lourinhã.

Uma noite, estavam três, emboscados no cruzamento das avenidas Fontes Pereira de Melo e Antonio Augusto de Agular. Descia esta ultima um carro com uns fortes farois acesos.

Os homens mandam-no parar e resolvem embirrar com aquela iluminação a glorno.

O chauffeur argumenta com a noite do breu e com a falta de iluminação na avenida Antonio Augusto de Agular.

Mas o chafe da trempe fulmina-o: — Cale-se! Não esteja a acelerar a multa!

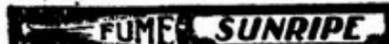
Um torpedo desce, devagar, a rua do Mundo. Um agente da fiscalização detem-no e afirma que o carro ultrapassara a maxima velocidade autorizada.

O condutor, que tem a certeza da inocencia, procura persuadir a fera de que não cometeu a apontada falta.

A discussão prolonga-se. E, naturalmente, forma-se um grupo em volta do carro. Ao fim de alguns minutos, o numero de curiosos ultrapassa o melo cento.

Então, para acabar com o incidente, o zeloso fiscal toma uma resolução:

— Bem... Por esta vez, vá-se lá embora. Mas já! Sendo, multo-o por estar causando um ajuntamento na via publica!



Soeiro, o etilizado

Que me perdõe o sr. comandante da policia; que me perdõe a pureza ofendida da linguagem; mas eu não posso, por mais que queira, dizer-lhes, meus preclaros leitores, que o Soeiro, figura popular da minha terra, é um... etilizado.

Não posso. O termo não me traduz a ideia. O vocábulo é demasiado... etilizado para que lhes fale, com propriedade, do estado frequente, mais que frequente, normal, do meu ponterraneo.

Tem que ser, meus senhores! Que me desculpe a delicadeza dos vossos tímpanos contemporaneos: — o Soeiro é um grandissimo bêbedo!

Qual etilizado, nem qual carapuça! Tenham paciencia, o homem não nada disso.

Se não quizerem bebedeira, podem chamar-lhe carraspana, peróa, osga, piela, grossura, tachada, mas lá etilização é que não é.

Está certo que sôbre a nudez forte da verdade se lance o manto diáfano da fantasia. Mas o manto, sim, que não a parra.

Ora, como lhes digo, era o Soeiro um incorrigivel bêbedo, a quem o alcool emprestava um certo espirito, que se exteriorizou em muitos lances, atitudes e piadas que no meu burgo o tornaram celebre.

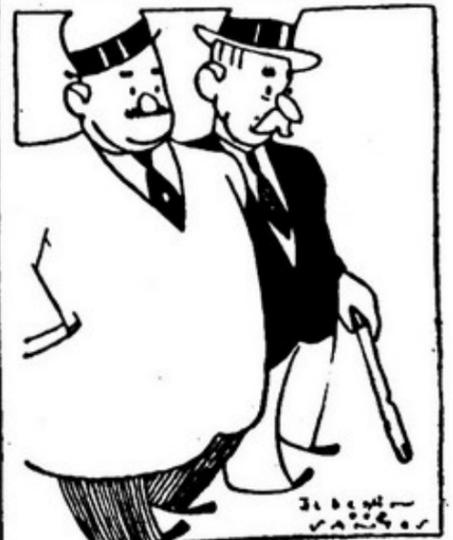
Vou hoje contar-lhes uma dessas partidas com que o Soeiro se saía, quando estava entradote, a que os senhores, quer queiram, quer não, tem de achar graça.

Morava o Soeiro em uma casa cujo senhorio não levava á paciencia ter um inquilino bêbedo, intimapdo-o, de cada vez que o encontrava, a pôr os trastes na rua.

Azedou-se duma vez a discussão mais do que de costume e, palavra puxa palavra, o senhorio insultou o nosso heroi, chamando-lhe «relaxado». Soeiro, que, de facto, estava grosso, como habitualmente, entendeu que não devia tolerar grosserias. E, sem mais aquelas, levanta a mão e manda vir dois do tinto na cara do parceiro.

Justamente enraivecido, ia este tirar uma desforra quando, de subito, eis que Soeiro se lança ao chão e, levantando-lhe a perna á altura da barriga, clama:

— Anda, malandro! Agora bate num homem deitado! Anda, malandro, bate num homem deitado, que a primeira foi minha!...



— Quando pensa a tua filha em casar?

— Constantemente.

ECOS DA SEMANA

A TEMPERATURA TEM SIDO TÃO BAIXA QUE A AGUA DOS CHAFARIZ SAI TÃO NEVADA QUE PARECE NA-CARRONETE - EVITA O USO DA BILHA, BASTAN-DO ENROIA-LA NO BRAÇO



OPÓTERAPIA OTIFO CHIUACAMA POR CAUSA DUMA 'GRIPE' CONTRAI-DA NA FRESCURA DAS ULTIMAS A-GUAS. O SEU ME-



DICO ASSISTENTE APROVEITOU A OCASIAO PARA O MATAR DAN-DO-LHE UM COPO DE AGUA DA COMPANHIA

CUIDADO RAPAZES! CUIDADO MUITO CUIDADOS AS MULHERES EM PORTUGAL JA' ABÓAM ETC. ETC.

(COM A MUSICA QUE TODOS CONHECEM)



O A. CLUB DE PORTUGAL NO SEU PASSEIO AO ESTORIL



ES PETITS PORTUGAIS QUANTO AO TERRENO ALAGADO JA' A ELE ESTAVAMOS ACOSTUMADOS DO TEMPO DA FLANDRES...

CREIA, D. MARIA DE LOURDES BRAGA TEIXEIRA QUE OS CORAÇÕES DE TODOS OS PORTUGUESES SÃO PARA-QUEDAS PARA VOCE.



QUANTO AO SERMOS MIUDOS, QUEM SE METE COM ELAS SAI..... BORRADO.

A emigração!

A CORRENTE AMBICÃO, QUE ANTES SE DEVE CHAMAR ILUSÃO...

É MAIS FORTE - POR ISSO LEVA O EMIGRANTE, PARTINDO-LHE AS CORRENTES "INSTRUÇÃO"

É TRABALHO QUE O PRENDEM A TER-RA NATAL - QUE POR SINAL SÃO BEM FRACAS -

CAPITALISTAS!

TAMBEM PODEIS, COM A CONSTRUÇÃO DOS Vossos HOTEIS PARA OS TURISTAS DESEVILHA, DAR TRABALHO A MUITOS COMPATRIOTAS - PRETENSOS EMIGRANTES.

